

**ABRACADABRA**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES  
COMUNICAM AOS ALIADOS**

**da cena**

**PODEM  
RESponder À**

**PANDEMIAS**

**CAOS  
POLÍTICO**

**BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,  
Silvia Geraldi e Renato Ferracini



**COMO AS  
ARTES DA  
CENA PODEM  
RESPONDER  
À PANDEMIA E  
AO CAOS  
POLÍTICO NO  
BRASIL?**

Organizadores:  
Ana Terra  
Matteo Bonfitto  
Silvia Geraldi  
Renato Ferracini



**ABRACE**

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

## **Diretoria ABRACE**

### **Gestão - 2019-2020... e pandemia**

#### **PRESIDENTE**

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

#### **1ª SECRETÁRIA**

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

#### **2ª SECRETÁRIA**

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

#### **TESOUREIRA**

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

#### **COMISSÃO EDITORIAL**

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)

Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)

Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

#### **CONSELHO FISCAL**

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)

Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)

Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

#### **SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL**

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)

Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)

Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

#### **EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL**

Arthur Amaral

#### **EDIÇÃO**

ABRACE

#### **CO-EDIÇÃO**

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

# COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.  
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

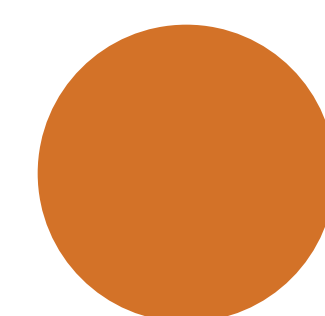
Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792





# COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

## Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

**Comissão Editorial Abrace**  
**Gestão 19/20/21**

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

# SUMÁRIO

## capítulo 1

### Cena, resistência e experimentações digitais

#### *DOSSIÊ DO DESCURSO*

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,  
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira \_\_\_\_\_ 15

#### *CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE*

André Carrico \_\_\_\_\_ 95

#### *ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ*

Sócrates Fusinato \_\_\_\_\_ 99

#### *POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA*

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva \_\_\_\_\_ 117

#### *TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?*

Maíra Castilhos Coelho \_\_\_\_\_ 144

#### *O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA*

Mônica Melo \_\_\_\_\_ 172

#### *VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS*

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães \_\_\_\_\_ 198

#### *QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS*

Priscila Rosa \_\_\_\_\_ 216

#### *O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.*

Daniele Pimenta \_\_\_\_\_ 224

#### *VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA*

Charles Feitosa (UNIRIO) \_\_\_\_\_ 240

#### *MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE*

Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni \_\_\_\_\_ 253

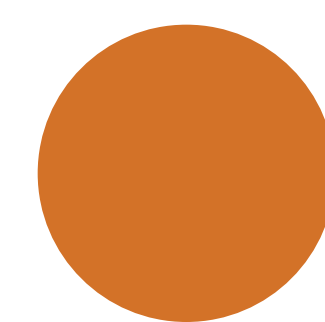


<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

## capítulo 2

### Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA  
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira \_\_\_\_\_ 599

*ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS*

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini \_\_\_\_\_ 638

*“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020*

Alba Pedreira Vieira \_\_\_\_\_ 666

*DANÇA NA PANDEMIA*

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães \_\_\_\_\_ 696

**capítulo 3****Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. \_\_\_\_\_ 712

*CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO*

Andre Luiz Rodrigues Ferreira \_\_\_\_\_ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:  
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes \_\_\_\_\_ 757

*BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS*

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins \_\_\_\_\_ 793

*PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA*

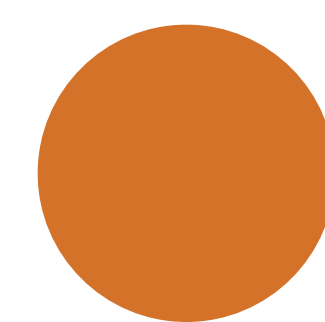
Estela Vale Villegas \_\_\_\_\_ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA  
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad \_\_\_\_\_ 856

**capítulo 4****Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman \_\_\_\_\_ 887





*COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO*  
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,  
Tania Alice \_\_\_\_\_ 908

## capítulo 5

### Ações performativas em isolamento

*SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS*  
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira \_\_\_\_\_ 935

*MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI*  
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas \_\_\_\_\_ 940

*QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO*  
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,  
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,  
Jefferson Fernandes \_\_\_\_\_ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA  
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*  
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva \_\_\_\_\_ 962

*TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.*  
Stefanie Liz Polidoro \_\_\_\_\_ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA  
NO ISOLAMENTO SOCIAL*  
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez \_\_\_\_\_ 989

*CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA*  
Carla Vendramin \_\_\_\_\_ 1004

*DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA*  
Danielle Martins de Farias \_\_\_\_\_ 1033

*RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS*  
Silvia Balestreri \_\_\_\_\_ 1037

*UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA*  
Domenico Ban Jr. \_\_\_\_\_ 1044

*VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO*  
Patrícia Souza de Almeida \_\_\_\_\_ 1049

## capítulo 6

### Transversalidades dissonantes

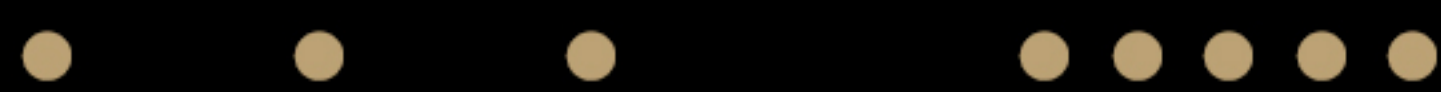
- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*  
Rafaela Blanch Pires \_\_\_\_\_ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*  
Marcilio de Souza Vieira \_\_\_\_\_ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*  
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira \_\_\_\_\_ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*  
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva \_\_\_\_\_ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*  
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar \_\_\_\_\_ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*  
João Vítor Ferreira Nunes \_\_\_\_\_ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*  
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos \_\_\_\_\_ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*  
Janaína Maria Machado (UFBA) \_\_\_\_\_ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*  
Nanci de Freitas \_\_\_\_\_ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*  
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá \_\_\_\_\_ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*  
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,  
Tânia Guerra de Souza \_\_\_\_\_ 1303



<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



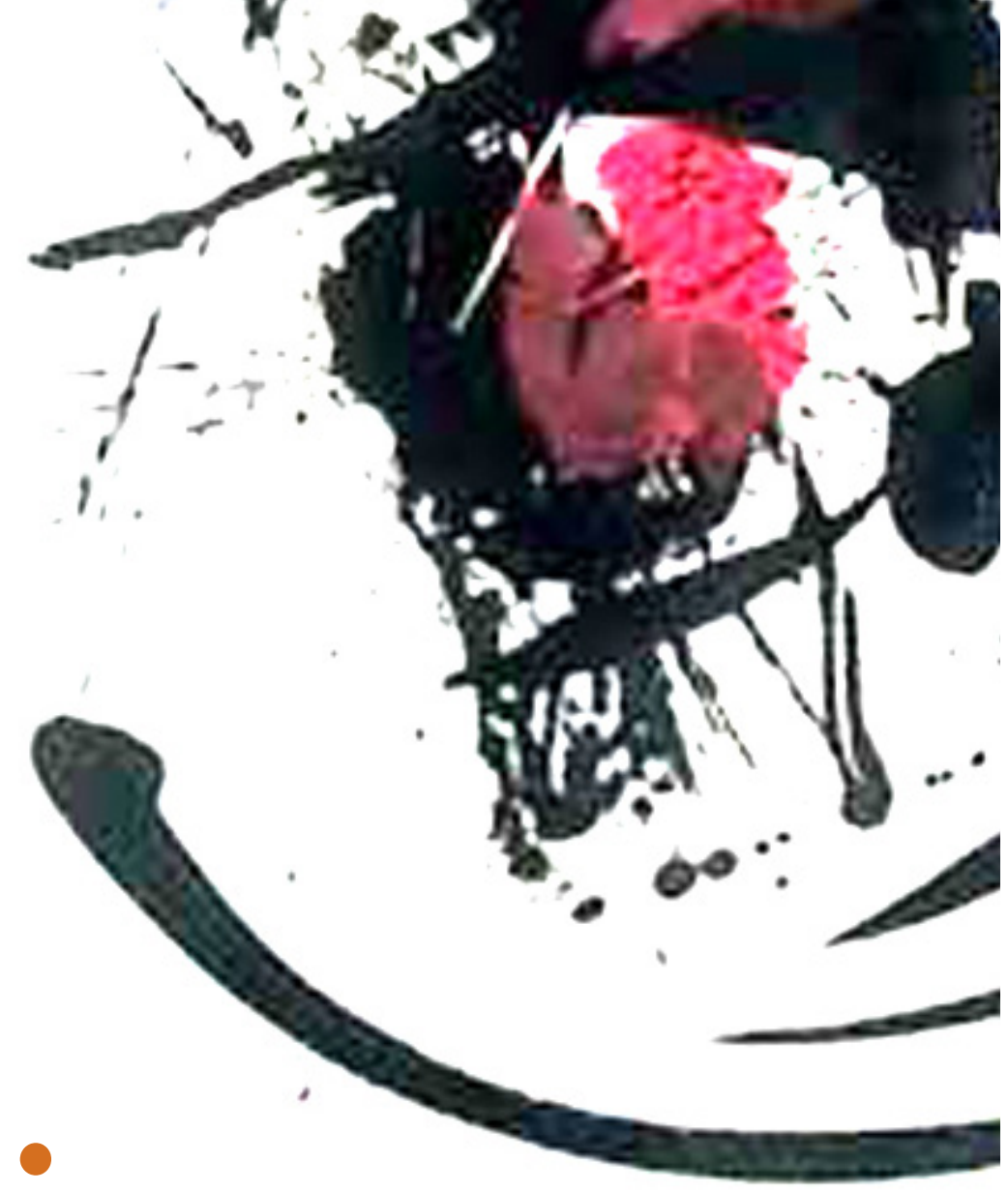
**CAPÍTULO 1**  
**CENA,**  
**RESISTÊNCIA**  
**E EXPERIMENTAÇÕES**  
**digitais**





# O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta (UFU)<sup>1</sup>



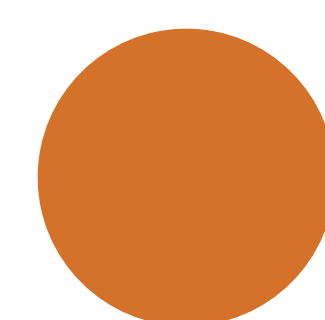
## \_\_RESUMO

Este texto é uma breve reflexão sobre a situação dos circos itinerantes brasileiros, durante a pandemia da Covid-19. Estruturado a partir das referências da autora, como pesquisadora, e de suas memórias, como circense, o texto aborda questões históricas - ao tratar da crise da gripe espanhola, em 1918-; políticas - ao tratar do contexto atual; e afetivas - ao entrelaçar essas questões com memórias de infância.

## \_\_PALAVRAS CHAVE

Pandemia, Circo, Gripe Espanhola, Covid-19, Itinerância.

<sup>1</sup> Daniele Pimenta é professora do Instituto de Artes da universidade Federal de Uberlândia - UFU, no curso de Teatro e no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. Com doutorado pelo IA/UNICAMP e mestrado pela ECA/USP, tem se dedicado a pesquisar o Circo-Teatro - que foi a área de atuação de sua família -, com diversos trabalhos publicados sobre o assunto. É também atriz, diretora, diretora musical e corógrafa da Cia. PICNIC de Teatro.



## \_\_RÉSUMÉ

Ce texte est une brève réflexion sur la situation des cirques ambulants brésiliens, pendant la pandémie de Covid-19. Structuré à partir des références de l'auteur, en tant que chercheuse, et de ses mémoires, en tant que personne de cirque, le texte aborde des questions historiques - face à la crise de la grippe espagnole, en 1918-; politiques - face au contexte actuel; et affectif - en mêlant ces problèmes à des souvenirs d'enfance.

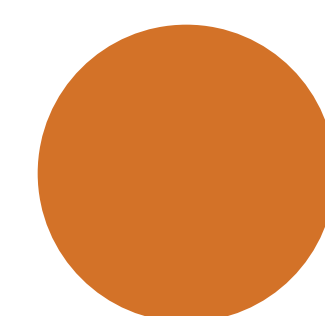
## \_\_MOTS CLÉS

Pandémie, Cirque, Grippe Espagnole, Covid-19, Itinérance.

A pandemia da Covid-19 colocou os circos em uma situação difícilima e, praticamente, insolúvel.

A manutenção de um circo - e de sua equipe de trabalho - depende integralmente da presença do público, ou seja, da renda gerada pela venda de ingressos - essencialmente-, além de alimentos e, em alguns casos, lembrancinhas.

Não se sustenta um circo com editais, e os poucos editais que existem, para o setor, estão muito longe de dar





conta de atender a uma centésima parte das companhias existentes hoje no Brasil.

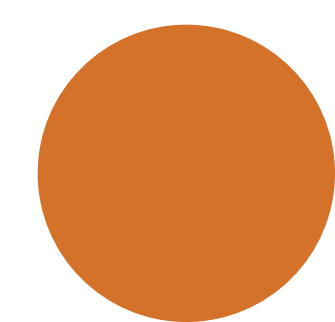
Refiro-me aqui aos circos itinerantes. Aos circos que congregam várias famílias e mais um tanto de funcionários, em terrenos espalhados pelos mais distantes rincões do nosso país.

Não estou falando das trupes e coletivos de teatro-dança-circo, que atuam fundamentados em conceitos contemporâneos, e que acessam Bachelard para argumentar em uma discussão sobre a relação política entre arte e urbanidade, na introdução de um projeto para o PROAC.

Eu me refiro às centenas de cirquinhos que ainda tentam resistir por esse Brasilzão. Àquela gente empoeirada pela estrada, que estica o varal no fundo do circo, pra não enfeiar a entrada do público. Àquela gente que segura a criança num braço e mexe a calda da maçã do amor com o outro.

Minha infância foi essa... em minhas memórias, o cheiro bom do tempero da comida da minha mãe se alterna com o cheiro adocicado de sua maquiagem, quando eu encostava minha testa em seu rosto, sentada em seu colo para jantar, pouco antes de ela seguir para trás das cortinas.

A textura da meia-calça, eu me lembro de sentir com



minhas mãozinhas, enquanto, sentada em seu colo, olhava a colherada se aproximando.

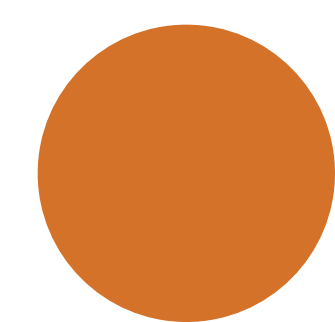
O cheiro do barro, nos dias de chuva, era acompanhado da visão de minha mãe, de galochas, vestindo um penhoar sobre o maiô bordado, saindo de nosso ônibus com os saltos prateados nas mãos, para atravessar o terreno em direção ao fundo das cortinas e, depois dos últimos ajustes, entrar, impecável, no picadeiro.

Lembro-me também que meu pai, sempre atento a tudo a nossa volta, era quem dava o primeiro grito de comando em caso de temporal. E, rapidamente, eu via, pelo vidro gelado da janela do ônibus, todas as gentes grandes saindo de suas “casas” para levantar o pano de roda, pro vento passar sem levar o circo. Desmontando o que fosse possível, no tempo que desse, pra se perder o mínimo.

Quem é de fora não tem ideia do que cada som e cada cheiro significam para o circense.

Crescer no circo é assim: o som das marretas nas estacas... terreno fácil ou difícil, sabíamos só de ouvir, ainda com a mamadeira na mão na preguicinha da manhã.

O sonho de poder entrar logo no picadeiro, nos levando a brincar de circo, a tentar fazer de tudo, pendurados





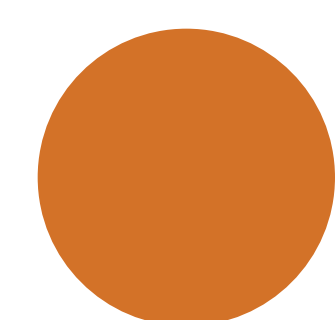
nas retinidas ou saltando nas arquibancadas. E o primeiro dia no picadeiro, celebrado e guardado no coração pra sempre – lembro até hoje (lembro agora!) e me emociono.

Lembro mais... da poeira, das horas de estrada, do frio na barriga a cada primeiro dia em uma nova escola. Da importância dos meus amigos no circo, que entendiam a timidez e o cansaço nas inevitáveis sessões de perguntas dos coleguinhos de escola, em cada praça.

Não me imaginava, em minha infância, em outro lugar que não o picadeiro. Com outra vizinhança, que não as tantas famílias de artistas com as quais convivia.

Conhecer novas cidades, novos cheiros, comidas, músicas, festejos, praias, trilhas, rios, diferentes climas, paisagens e sotaques, tudo isso levando comigo meu “bairro”, minha “aldeia”, era uma das belezas de se viver em um circo.

Mas a vida foi me levando para outros rumos e, hoje, uma docente-artista-pesquisadora, eu me esforço para tentar, de alguma forma, preservar o que as memórias podem me oferecer, sem cair na armadilha de me deixar contaminar pela nostalgia e pelo romantismo. Eu me empenho para ser objetiva, ainda que inegavelmente envolvida com meu objeto de estudos.



Mas, não hoje, não neste texto, porque quero aproveitar a grande oportunidade que se abre, na chamada para esta submissão, de poder escrever com emoção e sem filtros, compondo um texto que ainda não sei como classificar, mas, já sei, não precisa se tornar um artigo científico.

Escrever sobre o circo na pandemia é doloroso. Adiei, evitei, tentei ser técnica e estatística... levantei números e só me entristeci.

Agora, chegando ao final do prazo, sinto que devo enfrentar a tristeza pra tentar compartilhar este registro afetivo, de minhas memórias e de minhas sensações, sobre este momento de tanta dificuldade para as gentes de circo.

Creio que será algo como um registro do fluxo de pensamentos pandêmico-circenses, ou melhor, um desabafo.

Bem, no meu mestrado, iniciado há vinte anos, aprendi, em minhas leituras, e repeti em meu texto, o que, depois, acabei revendo e contradizendo no doutorado: que o Circo-Teatro era invenção de pandemia! Que Benjamim de Oliveira tinha juntado gente de circo e de teatro, de trupes de ambas as artes, desfalcadas pelas mortes pela gripe espanhola, como solução para continuar trabalhando a partir de 1918.





Admirava que algo tão bonito como o Circo-Teatro fosse fruto do desespero, solução pra morte, mais uma invenção brilhante dos geniais empreendedores circenses.

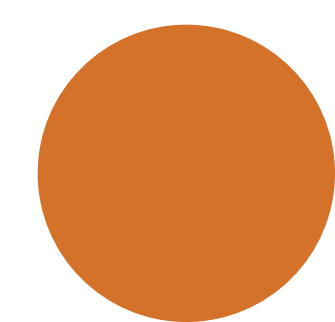
Mas não foi assim. Conforme avancei em meus estudos, logo verifiquei que o circo-teatro é anterior ao surto de gripe espanhola, inclusive no circo de Benjamim. Aliás, já se fazia teatro no circo antes mesmo de se usar o termo Circo-Teatro.

Por algum motivo, o circo-teatro foi associado à gripe espanhola. Talvez por causa de um golpe publicitário muito eficiente, que fez os jornais noticiarem a “novidade” do espetáculo misto, que não era exatamente novo.

Mas gente de circo faz isso: anuncia grandes atrações, sempre as maiores!

São proezas espetaculares, os maiores artistas do mundo, os quase sempre internacionais seres mais extraordinários da face da Terra! E, se formos espertos, aproveitamos o entusiasmo do apresentador e nos deixamos contagiar pelo ritmo da música de abertura, vibrando e aplaudindo aquele espetáculo que vai valer cada centavo do preço do ingresso!

Talvez, de fato, a associação entre trupes em processo de luto, tenha sido a solução encontrada por muitos



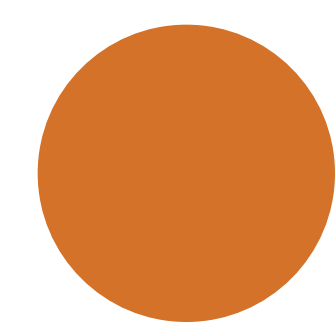
artistas na época, sobretudo no Rio de Janeiro, então nossa capital e principal centro cultural, e a gripe tenha sido um dos fatores que impulsionaram a difusão desse modelo de empreendimento, que leva o teatro para debaixo da lona. Mas não, o circo-teatro não é o fruto bom da pandemia.

A gripe espanhola matou milhões de pessoas no mundo e milhares no Brasil. Foi um período de desespero, que colocou em luto tantas e tantas famílias, fossem elas potencialmente público para os nossos artistas, ou os nossos próprios artistas.

E o circo brasileiro, em meio ao medo generalizado, ao afastamento do público e à perda de seus artistas, de uma forma ou de outra, sobreviveu à gripe espanhola e manteve-se em atividade.

Não se sabe ao certo o quanto a gripe espanhola efetivamente afetou o interior do país, mas sabe-se que os circenses sempre estiveram espalhados por todo o território nacional e não se resumiam às companhias afetadas pela gripe nos grandes centros urbanos da época.

Diferentemente de agora, em que o acesso à comunicação é generalizado e globalizado, pela facilidade gerada pelas redes sociais, talvez muitas companhias tenham arriscado enfrentar a crise, apresentando-se em cidades pequenas





e afastadas, menos afetadas pela gripe ou pelo medo de seu alcance.

E o circense convive com o risco, aliás, depende do risco. É pelo risco que o artista se destaca e atrai seu público. O risco da queda, do enfrentamento da fera, da vergonha de uma piada sem graça. O risco da chuva que atravessa a lona, do temporal que a derruba.

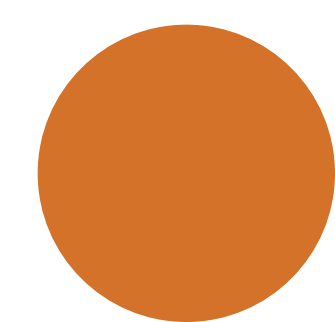
E o risco maior: o de uma noite com a tenda vazia, como será o prato no outro dia.

Mas uma pandemia não é um risco que dependa da vontade do artista. E, agora, em 2020, uma nova pandemia, a de Covid-19, levou ao fechamento sumário de todos os circos que estão no Brasil, desde março deste ano, ou seja, no momento em que escrevo este desabafo, lá se vão mais de seis meses sem trabalho para os circenses. Seis meses de falta de atenção às mais básicas necessidades, seis meses de abandono generalizado.

A itinerância é a base da cultura circense. É a base de sua economia – pois o que atrai o público é, em parte, a sensação de novidade.

“O circo chegou!!”... bem, se chegou, não estava.

Mas é a itinerância a característica que mais fragiliza os circos na atual situação. O poder público não assume



a responsabilidade sobre quem não é de lugar algum.

Quem deve apoiar, por exemplo, um circo que tenha sido registrado como empresa em Uberaba ou Manaus, mas que esteja em Florianópolis ou Severínea? Quem assume?

Assim, a itinerância – de novo, necessária e inerente à estrutura de vida e à cultura da maioria dos circenses – gera uma situação que relegou à miséria milhares de pessoas.

Aqui, em Uberlândia, MG, há dois circos pequenos, parados desde março, que, como outros tantos espalhados pelo Brasil, dependem de doações para sobreviver. Dependem do acolhimento da vizinhança, das sacolas de verdura entregues pelo sacolão mais próximo, dos medicamentos doados pela farmácia da esquina, da boa vontade de pessoas que passam a definir, de antemão, quais deverão ser as prioridades daqueles circenses, já que a ajuda dada não vai, provavelmente, incluir dinheiro para gasolina ou créditos para o celular.

Aqui, a prefeitura se envolveu e entrou em contato com os circos, oferecendo apoio. Aqui, também, parte dos artistas teatrais se mobilizou para ajudar e entregou cestas básicas e algum valor em dinheiro, no início da pandemia. Mas uma tentativa de arrecadação online, algum tempo depois, não chegou a arrecadar 10% do valor pretendido.



A pandemia persiste, as pessoas se acostumam, cresce a sensação de que o mundo se anestesia diante da dor e da necessidade alheia.

E, se aqui, percebemos a mobilização por parte do poder público, em outras cidades a situação é completamente diferente (embora a daqui não seja fácil!).

Uma artista circense, Paola Forlani Orfei, fez um levantamento, por meio de redes sociais, e reuniu relatos de circenses que estão em diversos pontos do país, sobre a situação de suas companhias na pandemia. Uma pesquisa semelhante foi feita pela professora Alda Souza, para a participação de nosso GT Circo e Comicidade no Seminário online da ABRACE.

Nessas pesquisas, vemos que em meio às mais absurdas adversidades, os circenses procuram transformar suas habilidades em fontes de renda. E aí cabe destacar que o circense itinerante tem muitos “talentos” além dos exibidos no picadeiro, pois em qualquer circo, grande ou pequeno, há que se ter alguém que entenda de eletricidade, mecânica, solda, limpeza, publicidade, culinária, bordado, entre outras necessidades constantes para que o empreendimento funcione. Então, muitos circenses têm oferecido seus serviços aos moradores do entorno. São os outros saberes do circo que estão salvando seus trabalhadores, desde que



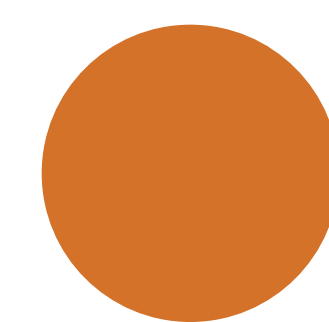
estes estejam em cidades não muito pequenas e que, minimamente, gerem esse tipo de demanda.

Há, também, algumas companhias que conseguiram fazer adaptações de seus espetáculos ou de sua estrutura física, para retomarem o trabalho artístico.

Os circos grandes conseguem liberar espaço interno, com a retirada de todos os assentos, para que alguns carros possam ficar sob a lona, em torno do picadeiro, de modo a permitir que seus ocupantes assistam ao espetáculo.

É uma solução parcial, pois cabem muito (muito!) menos pessoas do que as que poderiam ser acomodadas com o uso regular dos assentos do circo, algo em torno de 3 a 4% da capacidade total. Essa solução também depende de condições tecnológicas às quais nem todas as companhias têm acesso, pois, para que as janelas dos carros possam permanecer fechadas, garantindo a impossibilidade de contágio, o circo deve fazer sua operação de som em faixa de rádio com frequência própria, para que os ocupantes acompanhem a sonorização do espetáculo pelos rádios de seus carros.

Essas necessidades, técnicas e de espaço livre, tornam essa opção impossível para os circos de pequeno porte.





Há também alguns circos que conseguiram alugar equipamentos específicos para apresentações em espaços abertos, como grandes estacionamentos. Nesse formato, o circo monta uma estrutura totalmente diferente de sua estrutura original, alugando palco, equipamentos de iluminação, sonorização e de projeção de imagens, para transmitir em telões espalhados pelo espaço, o espetáculo realizado no palco. Desta forma, o número de carros que podem ter acesso ao espetáculo será limitado pela capacidade de investimento da companhia e não pelo tamanho de sua lona, podendo chegar a um número muito grande.

Outras formas de se colocarem em atividade são: a realização de *lives*, com chamadas para doação espontânea de valores, via depósito bancário, ou apresentações online, mas com venda virtual de ingressos e acesso restrito aos pagantes.

De todo modo, essas soluções que resultam na manutenção do trabalho artístico, pressupõem condições técnicas ou tecnológicas que têm um custo proibitivo para a grande maioria dos nossos circos, os de pequeno porte.

Esses, continuam dependendo da boa vontade de pessoas e de entidades que os apoiem. Nesse sentido, muitos escritórios regionais ou estaduais do SATED, têm



realizado campanhas para levantar fundos para a compra de cestas básicas para os artistas e técnicos mais vulneráveis, incluindo aí os circenses.

Até agora, em uma tentativa de levantamento de dados para esta escrita, e com retorno de entidades de apenas três estados (MG, SP e BA), encontrei informações sobre a existência de mais de 200 circos (repito: só nesses três estados!) parados e precisando de ajuda.

São, considerando que sejam circos muito pequenos, cerca de 1000 famílias, mais de 5000 pessoas, esperando para compartilhar as cestas básicas arrecadadas, as quais terão que atender, também, a outras categorias de artistas prejudicadas pela pandemia. Isso só nesses três estados...

Diante de tudo isso, e enquanto temos notícias de circos que estabeleceram parcerias e disponibilizam sua lona e sua frota para que as prefeituras possam utilizar essa infraestrutura em ações contra a covid-19, há também casos, vários, de prefeituras que cortaram o fornecimento de energia ou expulsaram os artistas dos terrenos, por falta de pagamento.

Solidão, desamparo e abandono justificados juridicamente, afinal, “quem pariu Mateus que o embale” - como diziam os antigos -, e os circos não são paridos por cidade alguma.





Enquanto isso, em um processo “inexplicavelmente” moroso (quem dera fosse mesmo inexplicável...), os artistas aguardam o aporte financeiro que virá pela Lei Aldir Blanc.

Editais estão sendo discutidos e divulgados e os circenses precisarão compreender os meandros e particularidades de cada formulário a ser preenchido, com as exigências que cada estado e cidade poderão definir, o que torna muito difícil que os circenses possam se ajudar, em suas redes de contato com familiares e amigos, alguns certamente mais experientes no universo dos editais, pois dificilmente as exigências serão as mesmas em diferentes locais.

Não tenho esperanças de que essa possível solução chegue a todos os circos.

Vou avançando na escrita, mas não vou me animando. Não conseguirei compor um final otimista. Minhas lembranças mais marcantes da infância no circo também remetem às dificuldades que a falta de um comprovante de endereço pode acarretar, nas questões mais básicas, como o atendimento em uma unidade pública de saúde.

Então, assim como nos meus primeiros anos como pesquisadora, ao mergulhar na história do circo, vi ser destruída a perspectiva ingênua que me fazia enxergar um movimento de renovação – ou mesmo de ressurreição – do circo, por causa da gripe espanhola, com a suposta

criação do circo-teatro, agora, em 2020, uma expectativa otimista não me parece possível.

Penso nas primeiras semanas desta pandemia, quando imagens de praias limpas, golfinhos em Veneza e céu azul nas metrópoles, faziam as pessoas falarem em mudanças na humanidade, em renovação.

Essa ingenuidade já não me atravessa: não há perspectiva de mudanças.

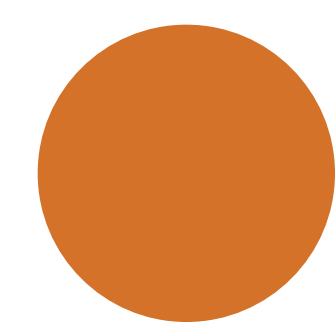
Há pessoas se acumulando nas calçadas, duvidando do poder dessa doença e aumentando os índices de contágio.

Há pessoas se acumulando nas calçadas, e prolongando, com isso, o período de restrições para os demais.

Há novas ondas de contágio, em várias partes do mundo.

Enquanto isso, há centenas de circos brasileiros, isolados, na poeira, à espera...

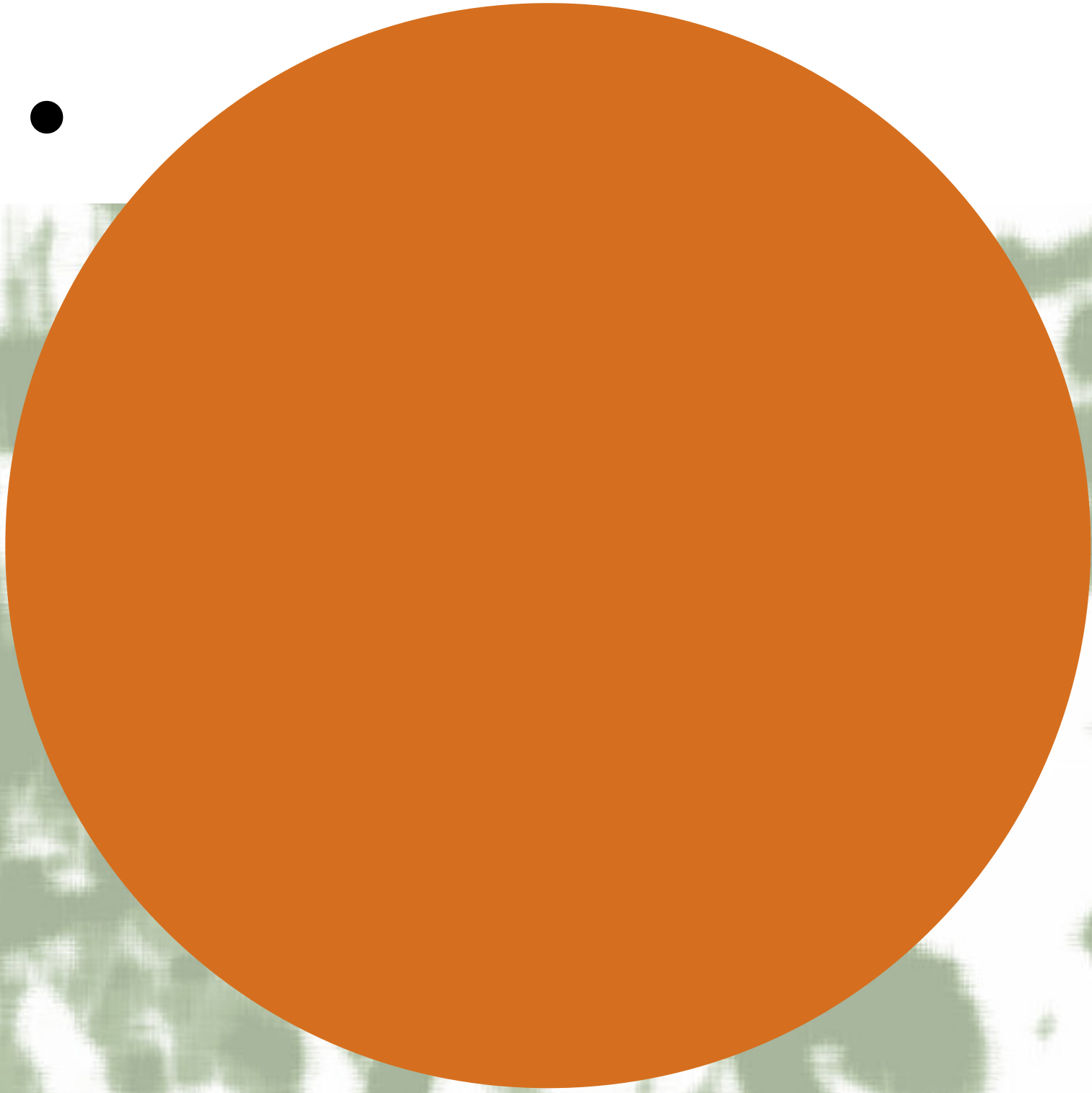
E há, quando finalizo este texto, mais de 150.000 mortos em nosso país.







**PPG-Artes da Cena**  
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena  
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

